

REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 33 No. 1 2020

ARTIGO

PODER, DISPUTA E MÚLTIPLAS NARRATIVAS HISTÓRICAS: O LUGAR KULUMBIMBI EM MBANZA KONGO – ANGOLA

Bruno Pastre Maximo*

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar múltiplas narrativas kongo sobre o lugar chamado de Kulumbimbi, na cidade de Mbanza Kongo em Angola. A cidade foi a capital do Reino do Kongo, e mantém entre as populações bakongo uma grande significância, especialmente de cunho religioso e identitário. Estas narrativas tradicionais apresentam o lugar como paisagem ideativa, um elo do passado com o presente, com marcas e vivências que remetem a uma época de prosperidade, paz e soberania. O Kulumbimbi é o lugar dos antepassados, um lugar sagrado e central para a identidade do povo kongo, contrastando, assim, das narrativas colonial portuguesa e da UNESCO, que interpretam o lugar como símbolo do presença lusitana na África.

Palavras-chave: Kulumbimbi; Mbanza Kongo; Arqueologia da África.

*Arqueólogo, Laboratório de Arqueologia, Museu Amazônico, Universidade Federal do Amazonas - UFAM.
Doutorando em Antropologia pelo PPGAS, Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG.
E-mail: pastrebruno@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0216-2121>.

POWER, CONTEST AND MULTIPLE HISTORICAL NARRATIVES:

THE PLACE KULUMBIMBI IN MBANZA KONGO – ANGOLA

ABSTRACT

This article aims to present multiple kongo narratives about the place called Kulumbimbi, in the city of Mbanza Kongo in Angola. The city was the capital of the Kingdom of Kongo, and maintains great significance among the Bakongo populations, especially of a religious and identity nature. These traditional narratives present the place as a link between the past and the present, with marks and experiences that refer to a time of prosperity, peace and sovereignty. Kulumbimbi is the place of ancestors, a sacred and central place for the identity of the Kongo people, thus contrasting with the Portuguese and UNESCO narratives, which interpret the place as a symbol of the Portuguese presence in Africa.

Keywords: Kulumbimbi; Mbanza Kongo; African Archaeology.

PODER, DISPUTA Y MULTIPLAS NARRATIVAS HISTORICAS:

EL LUGAR KULUMBIMBI EN MBANZA KONGO – ANGOLA

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo presentar múltiples narrativas kongo sobre el lugar llamado Kulumbimbi, en la ciudad de Mbanza Kongo en Angola. La ciudad era la capital del Reino de Kongo y mantiene una gran importancia entre las poblaciones bakongo, especialmente de naturaleza religiosa y de identidad. Estas narrativas tradicionales presentan el lugar como un vínculo entre el pasado y el presente, con marcas y experiencias que se refieren a un tiempo de prosperidad, paz y soberanía. Kulumbimbi es el lugar de los antepasados, un lugar sagrado y central para la identidad del pueblo kongo, lo que contrasta con las narrativas colonial portuguesa y de la UNESCO, que interpretan el lugar como un símbolo de la presencia portuguesa en África.

Palabras clave: Kulumbimbi; Mbanza Kongo; Arqueología de la Africa.

INTRODUÇÃO

A cidade de Mbanza Kongo, no norte de Angola, é um dos principais sítios arqueológicos do continente africano; uma das mais antigas e populosas ocupações da África centro-ocidental (DE MARET, 2002; THORNTON, 2000, AMARAL, 1987). A antiga cidade se configurou no centro político e cultural como capital do *Kongo dia Ntotila*, em português, Reino do Kongo (Figura 1). Após a chegada lusitana em 1483, iniciou-se um período de relações políticas, culturais e econômicas baseadas sobretudo no cruel comércio de pessoas escravizadas para as Américas (THORNTON, 2004; VOS, 2005; HILTON, 1985). A conversão do monarca africano ao catolicismo alterou a abordagem portuguesa. De um possível rei hostil, o Ntotila kongo se tornou amigo e aliado do seu congêneres luso. Essas frutíferas relações se refletiram na chegada de uma nova estética urbana, culminando na construção, durante o século XVI, de edificações em pedra inéditas na região, principalmente igrejas, palácios, conventos e as residências dos forasteiros. Em imagem representativa da cidade, Dapper plasmou na memória visual histórica uma Mbanza Kongo construída à semelhança europeia (Figura 2).

A conferência de Berlim, no final do século XX, esquetejou a África, e a outrora capital de um Estado independente foi desmembrada de seu território, passando a incorporar a colônia portuguesa de Angola. O território adjacente ficou parte no Congo Belga e África Equatorial Francesa, dividindo diversos grupos, que no século XX iriam se consolidar sob a identidade étnica bakongo (MACGAFFEY, 2016).

Figura 1 - Mapa do Reino do Kongo mostrando sua extensão em torno do ano 1800. Fonte: <https://web.archive.org/web/20120227225800/http://www.kongoking.org/>. Acessado dia 13/11/16.

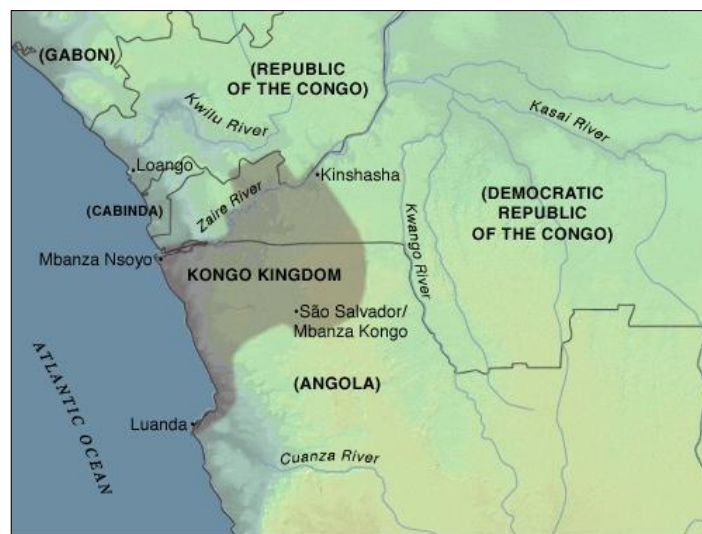


Figura 2- Banza ou Residência do Rei do Kongo chamado S. Salvador. Fonte: Dapper (1686: 343-344).



Desde 2007, a cidade foi escolhida pelo Estado angolano como referencial do patrimônio nacional, capitaneado pelo projeto “Mbanza Kongo: Cidade a desenterrar para preservar”, cujo objetivo final foi alcançado, com a nomeação como patrimônio mundial da humanidade pela UNESCO em 2017. Milhões de dólares foram investidos na pesquisa e construção do dossiê de tombamento, com a participação e auxílio de diversos especialistas de todo o mundo na sua concepção.

Os argumentos em torno da patrimonialização focaram principalmente nos aspectos da cidade que orbitam ao redor das relações comerciais e coloniais através do Atlântico entre os séculos XV e XIX, intermediadas pelos portugueses (MÁXIMO, 2017b). A análise dessas fontes nos revelou que há narrativas bastante dissonantes que envolvem alguns elementos materiais que são mais ou menos evidentes, dependendo de quem o evoca.

Por exemplo, as construções remanescentes em pedra são, para os portugueses, a marca indelével da presença e do domínio lusitano na região do Congo desde o século XV, sendo as ruínas da antiga Sé Catedral (Figura 3) a evidência maior da capacidade de civilização da nação portuguesa, como fica explícito no documento que tornou a cidade monumento nacional português, em 1957:

As antigas ruínas da Sé de S. Salvador do Congo, que, como ruínas se encontram em razoável estado de conservação, merecem ser defendidas e valorizadas, por se tratar de um monumento de alto significado histórico e religioso a que está ligado a fundação do primeiro Bispado de S. Salvador do Congo, em 1596, por Bula do Papa Clemente XIII, e ainda, porque, naquele local teria sido levantada, antes, pelos portugueses, a primeira Igreja ao Sul do Equador. (PT/IPAD/MU/DGOPC/DSUH/1992/01479).

Figura 3 - O lugar Kulumbimbi, compreendendo as ruínas atribuídas a antiga Sé Catedral de São Salvador do Congo e os túmulos de alguns reis do Kongo. Mbanza Kongo, 09/09/2014. Fotografia de Bruno Pastre Máximo.



Esse pensamento é compartilhado pela ex-ministra da Cultura de Angola, Rosa Cruz e Silva, que entende como principal patrimônio de Mbanza Kongo o seu papel dentro do império português:

(...) facto do nome desta cidade, antiga capital do Reino do Congo voltar a ecoar pelo mundo dada a sua candidatura a património mundial da UNESCO.(...) faz evocar e destacar a História de Angola e do Reino do Congo em particular, pelo contributo cultural que fomos dando ao mundo, e, do mesmo modo, do que dele recebemos numa relação de parceria, e intercâmbio, iniciada no Século XV após as primeiras expedições dos portugueses, pelo que incorporamos e expandimos. Desde o período da implantação de cristianismo e respectiva expansão, a cidade testemunhou a construção de 12 igrejas o que lhe valeu o título de Kongo dya Ngunga, o ensino das letras e da aritmética, foi uma prática regular. Propunham-se os reis do Congo transformar o Congo num estado cristão, pelo que a adopção de determinados aspectos dos valores europeus revelam essa capacidade de receber mas também de dar. (MENDONÇA, 2016).

O ex-diretor do Instituto Nacional do Patrimônio Cultural e então representante de Angola na UNESCO, Ziva Domingos, explicita os objetivos do projeto (DOMINGOS, 2013: 267, *grifo nosso*):

- Realçar o reconhecimento Nacional e Internacional do valor histórico-cultural de Mbanza Kongo, antiga capital do Reino do Kongo;
- Tornar a cidade um polo turístico;
- Valorizar a área cultural Kongo;
- Tornar Mbanza Kongo como uma sede espiritual do Cristianismo enquanto realidade da matriz e identidade do Povo Angolano em geral e da população Kongo em particular.

Também pela UNESCO, que tornou Mbanza Kongo como patrimônio mundial baseado em critérios estritamente coloniais:

Critério (III): (...) Os vestígios de Mbanza Kongo evocam, assim, a importância política e simbólica do Reino no seu território e o seu papel de portal, permitindo a entrada do mundo cristão no continente africano. (UNESCO)

Critério (IV): O centro político e religioso de Mbanza Kongo é um excelente exemplo de um conjunto arquitetónico que ilustra, como em nenhum outro lugar na África subsaariana, as profundas mudanças que emanaram da introdução do cristianismo e da chegada dos portugueses na África Central no século XV, (...). A catedral estava de pé quando, em 1608, o Papa acreditou em Roma o primeiro embaixador de um Estado da África Subsaariana no Vaticano. O Colégio dos Jesuítas reflete o status dado a Mbanza Kongo como sede de aprendizagem e é o lugar onde em 1624 o primeiro catecismo foi escrito na língua Kikongo para ser usado para espalhar o cristianismo através do Reino. A cidade estava no coração do vasto Reino Kongo que, por sua vez, estava ligado a uma vasta rede intercontinental. (UNESCO)

Esse mesmo lugar, se o interlocutor é um tradicionalista kongo, é chamado de Kulumbimbi e é narrado como sendo um lugar remanescente dos ancestrais, indicando a sacralidade da cidade de Mbanza Kongo. Partindo da análise das fontes, tanto escritas como orais, identificamos que as narrativas sobre os elementos materiais da cidade se articulam e se confrontam. Em outro espaço, nos dedicamos à análise da paisagem colonial portuguesa no século XIX (MÁXIMO, 2018b) e a neocolonial angolana (MÁXIMO, 2017b).

Neste artigo, focaremos nas narrativas tradicionais kongo contemporâneas sobre esse emblemático lugar, que indicam ideias ou pensamentos construídos de objetos não necessariamente presentes aos sentidos, englobando uma outra realidade imaginada com imbricações ancestrais.

Para articularmos nossa análise, utilizamos o conceito de lugar e paisagem que constitui uma importante ferramenta analítica para melhor compreendermos essas narrativas.

O conceito de paisagem já está consolidado dentro da bibliografia arqueológica, existindo centenas de referências e trabalhos que o utilizam para as suas análises. Suas primeiras aplicações remontam a chamada “arqueologia do lugar” de Binford (1982) e outros processualistas. Desde então, como forma de refinar a análise, de acordo com Silva (2013: 30), “os lugares assim como as paisagens passaram a ser entendidos como significativos, adjetivados de várias maneiras (p. ex. sagrados, perigosos, tradicionais, culturais) (...)”

Nessa perspectiva, adotamos a adjetivação de **ideativa**, definida por Knapp & Ashmore (1999). A paisagem de Mbanza Kongo, para as populações kongo, é uma paisagem ideativa, ou seja, primordialmente imaginada, pois existe materialmente e em sua totalidade somente nessa dimensão. Os vestígios materiais são ligações dessa ideiação com a realidade cotidiana das pessoas:

(...) paisagem ideativa é tanto ‘imaginativas’ (no sentido de ser uma imagem mental de alguma coisa) e emocional (no sentido de cultivar ou extrair algum valor espiritual ou ideal). (...) ‘Ideativo’ deveria ser observado distinto de ‘ideológico’ e tem objetivo de ser mais amplo que ‘sagrado’ ou ‘simbólico’. Paisagens podem prover mensagens morais, recontar históricas míticas e registrar genealogias, mas não podemos assumir que elas sempre ou necessariamente englobam o tipo de doutrina unificada, completamente articulada comumente implícito pelo termo ideologia” (KNAPP & ASHMORE, 1999: 12).

Nesse conceito, o ponto central consiste em entender a paisagem em um sentido maior que ideológico, sagrado ou simbólico, que por si carregam emoções e significados, porém não dão conta de explicar a conceituação material/espacial existente na formulação de tal significado.

O trabalho de Hillary Christopher (2012) é exemplar nesse sentido. A autora trata os lugares sagrados cristãos de céu e inferno como paisagens ideativas presentes nas sociedades ocidentais. Nesse texto a autora concebe paisagem ideativa através de várias dimensões.

Uma das dimensões a que se refere está relacionada à “composição material”. Tal dimensão da paisagem ideativa nos leva a uma materialidade implícita com que a paisagem deve ser abordada. Apesar de existir na mente das pessoas, é impossível a construção da paisagem sem que ela esteja pautada na vivência das pessoas e nos referenciais que a rodeiam. Assim, a paisagem ideativa necessariamente está baseada no entorno que rodeia o indivíduo, que foi capaz de entender a partir do absorvido pelos seus sentidos.

A segunda dimensão é que a paisagem pode ser criada por um único indivíduo, mas é a sua dimensão coletiva (quando ela consegue incorporar atributos comuns a muitas pessoas) que revela seu papel na sociedade. Mesmo sendo algo individual, a paisagem ideativa reflete um conjunto de atributos coletivos compartilhado pela sociedade em que ele se insere, sendo, assim, “(...) válido dizer que a vasta quantidade de variações baseadas em versões individuais de paisagens ideativas comprometem-se a uma conglomerada e coletiva, uma paisagem ideativa singular.” (CHRISTOPHER, 2012: 50)

A terceira dimensão é o simbolismo da materialidade ideativa. Segundo a autora, são os símbolos que conectam as pessoas com a paisagem ideativa, sendo eles o “(...) único modo de visualmente expressar os detalhes da paisagem. Isto em turno se torna um portal, se somente mental, para visitação. (...) Estes símbolos são derivados do

conhecimento comunal vernacular, e então adota um sentido de comunidade entre aqueles que dividem uma paisagem ideativa e sua imagem.” (CHRISTOPHER, 2012: 51).

A autora defende, e compartilhamos, que a materialidade ideativa não é neutra (assim como nenhuma coisa, no limite) e, portanto, sua criação envolve para além de representação imagética, também uma incorporação de significados que possuem sentimentos e valores culturais. Além disso, mesmo não existindo a crença na sua existência, como, por exemplo, um ateu que não crê em Céu/Inferno, essas paisagens estão presentes no cotidiano popular do grupo cultural, que muita vez compartilha sua existência, seja pela negação ou como parte do corpus ideativo sobre os valores de lugares.

Relacionada à terceira, a quarta dimensão é sobre a resiliência da paisagem ideativa nas sociedades. As paisagens foram de tal modo incorporadas nas sociedades, que, mesmo que o corpus ideativo que as sustentava tenha se esvaecido, como, por exemplo, sociedades que hoje são ateias, continuam possuindo como referências as noções de Céu e Inferno, incluindo aí questões morais cristãs que seriam possivelmente combatidas por ateus – como a existência do pecado – mas que de tal modo foram inseridas na sociedade que ainda pautam muito de nossas ações e referenciais sobre atributos de paisagens. Cultivadas por séculos, as paisagens ideativas se reinventam, principalmente conforme Ashmore e Knapp, para nos trazer mensagens morais e narrativas históricas.

Das muitas mensagens morais contidas na paisagem ideativa de Mbanza Kongo, ressaltamos que a mais explícita, por nós percebida, é a com relação à ordem social tradicional, a existência da tradição, narrada pelos habitantes como uma cidade soberana, livre e independente – como muito escutamos no trabalho de campo – “vivíamos à vontade, o povo vivia à vontade”.

O quinto atributo é a existência da paisagem ideativa somente enquanto um lugar nas mentes das pessoas. Para a autora, o ideativo é um lugar mental, que não pode ser visitado pelo corpo das pessoas. Neste sentido, divergimos da autora. Pensamos que é sim possível, de alguma forma indireta, ter algum tipo de ligação física com a paisagem ideativa, como veremos, o caso citado da Igreja Kimbanguista, que condiciona a presença física do seu líder espiritual para a libertação do povo negro de suas mazelas.

A fim de comparação, pensamos que o caso da paisagem ideativa de Mbanza Kongo encontra ressonância nos trabalhos de análise de Peppard (2013), e no de Hutton (2009), que estudaram a paisagem ideativa do rio Jordão, na divisa de Israel com a Jordânia.

A IMPORTÂNCIA DE MBANZA KONGO PARA OS TRADICIONALISTAS

Kúlu: (O) velho, muita idade; antiguidade (os tempos antigos), (tempo velho, muito no passado) (LAMAN, 1936: 328).

Ñkùlu: antepassado, avô; pessoa de muita idade que conheceu os tempos antigos; patriarca; plural de ancestrais velhos. C. adj., Velho, antigo, tempo velho, antigamente, (...) (LAMAN, 1936: 732).

Nkúlu: corpos mortos, cadáver; (...) (LAMAN, 1936: 732).

Mbimbi: tronco de bananeira depois que já deu fruto; tronco de palmeira; figura: cadáver, pessoa Morta (LAMAN, 1936: 530).

A singularidade da cidade para o povo kongo se impõe não só pela sua grande dimensão, peculiaridade frente ao contexto africano, grande quantidade de documentação, mas principalmente pelo seu papel ativo e fundamental nas populações que a tem como marco identitário e cultural. Além disso, o lugar Kulumbimbi é um dos

lugares chaves da identidade bakongo, lugar central da paisagem ideativa de Mbanza Kongo (MÁXIMO, 2019a).

A palavra (N)Kulumbimbi, segundo a definição de Laman, é da ancestralidade (Nkulu), com a presença dos cadáveres do cemitério (Mbimbi), configurando um lugar de cadáveres ancestrais. Os mortos eram centrais para o cotidiano de um kongo no século XIX (e até hoje) (WING, 1959). Eram os mortos, conjuntamente a outras forças e divindades, que auxiliavam os vivos em todas as fases e detalhes de suas existências (BORTOLAMI, 2002).

A documentação histórica, estudos linguísticos e arqueológicos nos revelam que a cidade Mbanza Kongo já era ocupada há muitos séculos, de forma constante e permanente, sendo já um ponto de referência regional. (THORNTON, 2001; DE MARET, 2002). Os monarcas eram sepultados em um local diferente ao que hoje se chama Cemitério dos Reis do Kongo/Kulumbimbi. O local escolhido era em uma floresta, um local chamado *ambiro*, segundo carta do Ntotila Afonso I (Mvemba-a-Nzinga) de 1526 (BRASIO, 1952: 479-480).

Nessa mesma carta, podemos observar o movimento por parte desse Ntotila (rei) e outros membros da elite da construção de uma igreja no mesmo local do antigo cemitério dos reis. O debate sobre a conversão (ou não) do Ntotila ao cristianismo é longa e com diferentes posições, e desta forma, não iremos discuti-la neste texto (SWEET, 2007; THORNTON, 1983; HILTON, 1985). Porém é importante apontar que houve uma ação por parte do monarca africano em buscar uma correlação entre os lugares, buscando talvez uma justaposição de sentidos entre a narrativa cristã e os lugares de cultos tradicionais, uma operação de combinação e reformulação dos lugares ancestrais, de acordo com Fromont. Segundo a autora, esse movimento permitiu uma transformação, o antigo cemitério:

(...) não foi destruído pela construção da igreja. Pelo contrário, foi reformulado através da arquitetura como parte da reorganização emergente da cristandade no reino do Kongo. O cemitério de elite virou um espaço cristão que trouxe os antepassados dentro dos limites da nova religião; simultaneamente, dotou a igreja recém-construída com a presença venerável de fortes antecessores da elite atual, para quem túmulos ricos e elaborados realçados com marfins preciosos e têxteis uma vez tinha sido construídos. Na transformação, a função social e política do cemitério como marcador de prestígio e como monumento aos governantes passados permaneceu praticamente inalterado. (...) A presença de antepassados concedeu emprestado às igrejas a aura de prestígio e potência que os cemitérios possuíam na África Central fora do contexto cristão, enquanto canalizavam a potência invisível do falecido para o quadro de práticas católicas (FROMONT, 2014: 159).

As igrejas de Mbanza Kongo serviram, segundo Tshiluila (1993: 199), sobretudo como "(...) lugar de sepultamento para os reis e onde eles rendiam culto aos mortos pelo qual o rei estabelecia o seu poder legitimando-se ao recordar os seus laços com antecessores falecidos."

Mesmo após o turbulento século XVIII, marcado por guerras civis (THORNTON, 1983) e o subsequente abandono e transformação das igrejas em ruínas, elas conservaram, para as populações da cidade no século XIX, uma clara ligação com os mortos. Isso se verifica de forma bastante evidente em uma anotação de um elemento linguístico verificado pelos missionários batistas. Eles perceberam que a palavra em kikongo, utilizada para nomear a estrutura da igreja, era *nzo ankisi*, ou seja, traduzida pelo povo como casa dos fetiches.

Os antigos missionários [Católicos] fizeram ainda um erro terrível na palavra na qual eles adotaram para igreja, *nzo ankisi*; esta é a palavra comum usada para *sepultura*, que é um eufemismo significando casa do feitiço (BENTLEY, 1900: 236).

Segundo Bentley, esse “erro” ocorreu devido aos padres católicos antigos tentarem traduzir *nkisi* como sagrado, ou seja, casa sagrada. No entanto o sentido de *nkisi* é muito mais complexo do que sagrado (FROMONT, 2014), e o mais interessante para esta pesquisa é a verificação por parte do autor que os dizeres *nzo ankisi* tinham o sentido entre os kongo de Mbanza Kongo de sepultura (grave em inglês). Assim, as próprias palavras possuíam o significado de que a igreja era, antes de tudo, um lugar da presença dos mortos, demonstrando que o significado do lugar advinha também da presença das sepulturas. Essas conexões entre os lugares de igreja e cemitério evidenciam uma importante continuidade histórica na forma como as populações vivenciavam o lugar e se configuram então em uma narrativa que não está vinculada com o sentido de lugar católico português.

Nos anos 1950 e 1960, diferentes grupos políticos nacionalistas kongo publicaram suas narrativas sobre a cidade de Mbanza Kongo e sobre o Kulumbimbi, confirmando a importância do lugar enquanto lugar kongo, componente de uma paisagem de poder e glórias africanas. Em outro espaço, nos debruçamos com profundidade nesses movimentos políticos – ABAKO, UPA e NGWIZAKO (MARCUM, 1969; VERHAEGEN, 2003; MAXIMO, 2017a: Cap. 4; 2019b).

As narrativas, ações e posturas dos grupos kongo durante os séculos XIX e XX confirmam a importância do lugar *Kulumbimbi* e da paisagem de Mbanza Kongo para as comunidades. A cidade, para além de ser sede da monarquia ancestral, é vivenciada como um elo do passado com o presente, com marcas e vivências que remetem a uma época de prosperidade, paz e soberania. O *Kulumbimbi* é o lugar dos mortos, um lugar sagrado e central para a identidade do povo kongo, muito longe, assim, da narrativa portuguesa de símbolo do colonialismo português em África.

AS MÚLTIPLAS NARRATIVAS KONGO

Para conhecer as narrativas sobre Kulumbimbi de pessoas da cidade de Mbanza Kongo, estivemos em pesquisa de campo durante 23 dias. Devido às grandes limitações de tempo e recursos, priorizamos a coleta das fontes orais referentes ao que chamo de “portadores oficiais da tradição”, ou seja, pessoas que se autointitulam conhecedores da tradição kongo, se sentindo responsáveis pela sua preservação e divulgação.

Tata Gonda – Igreja União do Espírito Santo

A igreja União do Espírito Santo é uma instituição recente em Angola, com pouco menos de dez anos. Sua fundação ocorreu pelo assistente de enfermagem Manuel Nvika, natural da República Democrática do Congo. Ele era seguidor de Tata Gonda Wasilua Wangitukulu, um profeta kongo que fundou em 1950 a Igreja do Espírito Santo, (Mpeveya Nlongo) na cidade de Mbanza Nzambi. Após a morte do fundador em 2004, o seu espírito encarnou no corpo de Manuel Nvika, e este passou a ser o próprio Tata Gonda. Desta forma, para os seus seguidores, ele é considerado uma divindade viva.

A teologia da Igreja está bastante assentada na história do *Kongo dia Ntotila*, com os viventes atuais sofrendo as consequências do pecado realizado pelo rei Nzinga-a-Nkuwu (D. João I) e Mvemba-a-Nzinga (D. Afonso):

Os antepassados que cometeram [o pecado] era o Rei Nzinga-a-Nkuwu, porque era na época dele que ele cometeu mesmo erros que cometeram Deus irado, porque ele já tinha alertado as profetizas que não podia fazer certas coisas, mas ele fez mesmo

aquelas coisas, então Deus irou-se. [Entrevista: Manuel Nvika, Tata Gonda, agosto de 2014].

Figura 4 – Tata Gonda. Fotografia do Fotografia de Bruno Pastre Máximo. Agosto de 2014.



Desde esse momento, a população kongo vive em desgraça, esperando o retorno de um salvador para poder conduzi-los à liberdade, sendo ele, segundo Tata Gonda, o próprio Ntotila, que deverá ser enviado por Deus. A cidade de Mbanza Kongo tem um papel importante para a Igreja com a paisagem sendo o elo perdido com a liberdade (o paraíso). O Kulumbimbi era o lugar de guarda dos tesouros do reino:

Antes desta construção [do] que é a Catedral, era um locale que os nossos antepassados guardavam lá as coisas históricas, era um locale de poder de Deus, era um lugar poderoso que todas as coisas que nossos antepassados usavam, que era de valor, eles guardavam naquele lugar, e é nesse momento que vinham a ver que não, sendo aquele um lugar muito poderoso, vamos [os portugueses] construir lá uma Catedral. [Entrevista: Manuel Nvika, Tata Gonda, agosto de 2014].

No entanto, este lugar não conseguiu servir aos propósitos portugueses, pois Deus interveio e interrompeu seu uso pelos colonialistas, mantendo o seu poder original:

Quando eles construíram e terminaram tinham posto teto, mas Deus, segundo Deus, ele não quis que fosse construído uma Catedral naquele local, então Deus irou-se, (...) veio uma tempestade, com o vento arrancou o teto, puseram a segunda vez, aconteceu a mesma coisa, dai também eles não puseram mais, e ficou assim. (...) [A Kulumbimbi é sagrada até hoje?] Sim, até nesse momento o poder de Deus ainda tem, embora que Deus irou-se, mas aquele poder que Ele tinha posto lá ainda tem, e que se alguém for lá e rezar mesmo com fé, ele vai poder receber o objetivo dele. [Entrevista: Manuel Nvika, Tata Gonda, agosto de 2014].

Para o Tata Gonda, o lugar Kulumbimbi é um elo perdido com esse passado pré-colonial, pois contém aquela potência ancestral que nem mesmo os portugueses conseguiram destruir, e a própria situação da casa é um exemplo desse poder, reforçando a ancestralidade do lugar mesmo na estrutura colonial. O estado da ruína é portanto resultado direto do poder ancestral, demonstrando sua permanência no lugar. A narrativa do roubo, acreditamos, é uma alegoria clara à liberdade do povo, ao que a

paisagem ideativa da cidade representa. Para a igreja, o Kulumbimbi é o termo colonial utilizado para nomear as ruínas, que não se confunde com sua existência anterior do lugar como poder de Deus:

Há uma grande diferença entre o Kulumbimbi e o cemitério, porque lá no Kulumbimbi, embora que os Reis foram enterrados lá, mas antes de ser enterrado lá já havia lá algo que Deus tinha posto, o poder de Deus. E no cemitério ainda tem outras coisas que andam lá, são dois lugares diferentes. [Entrevista: Manuel Nvika, Tata Gonda, agosto de 2014].

Como lugar de guarda dos segredos e do sepultamento dos Ntotila, foi assim agregado uma nova sacralidade – a dos mortos e suas coisas:

Aquele cemitério se você não é rei você não pode ser sepultado lá. Lá sendo um local sagrado, então tudo que é terá que ser enterrado mesmo naquele local. É um local sagrado para a Igreja União do Espírito Santo, porque era o local que se guardava as coisas sagradas. [O que eram essas coisas?] Eram coisas valiosas, que tinha a ver com a liderança do reino. [Entrevista: Manuel Nvika, Tata Gonda, agosto de 2014].

Sendo a liderança dos Ntotila também sagrada e poderosa:

Rei reinava todos os Estados, que tinha o Reino aqui em Angola, que tinha a parte do RDC, do Brazzaville e do Gabão. Todos dependiam daqui, de Mbanza Kongo, o AUTOR poder era aqui em Mbanza Kongo, era a capital. Tudo o quanto faziam lá, recebiam as orientações daqui. (...) O rei era escolhido pelo Deus. [Entrevista: Manuel Nvika, Tata Gonda, agosto de 2014].

Desta forma, o lugar Kulumbimbi é ocupado por três momentos distintos, o primeiro, relacionado com o poder primordial de Deus, o segundo, o uso para guarda dos segredos e dos mortos, e, por fim, a construção colonial que é valorizada por ser uma continuidade do poder inicial no lugar.

Lando Alberto, Hermando Garcia, Kalemba Constantino – Igreja Kimbanguista

Quando eles vieram a nossa terra, eles que deram o nome de São Salvador. Eles vieram e deram São Salvador. Agora tenho que perguntar, salvaram quem? Eles chamaram São Salvador, salvaram quem? (...) Agora qual é a coisa existente nós negros quando um branco faz manda por aqui é o melhor, quando o negro fala não tem validade, isto que nos mostram as brochuras, quando é santo mete branco quanto é satanás mete negro. Vieram aqui se o sofrimento está dentre nós eles que nos trouxeram muitos dizem que nos trouxeram a civilização, segundo eles dizem, que nos trouxeram a civilização, [mas] venderam-nos! Eu devo ter um primo incógnito no Brasil que eu não conheço, tenho uma tia que foi vendida no Brasil, que até aqui procura sua própria origem. Eles não trouxeram a civilização, para nós eles nos trouxeram a miséria. Para mim, estes portugueses nos trouxeram a miséria. Trouxeram uma coisa estranha, a divisão. Negro está colonizado sempre, tamo a lutar para ter essa independência, independência dos bens, independência espiritual e país. [Entrevista: Lando Alberto, Igreja Kimbanguista, setembro de 2014].

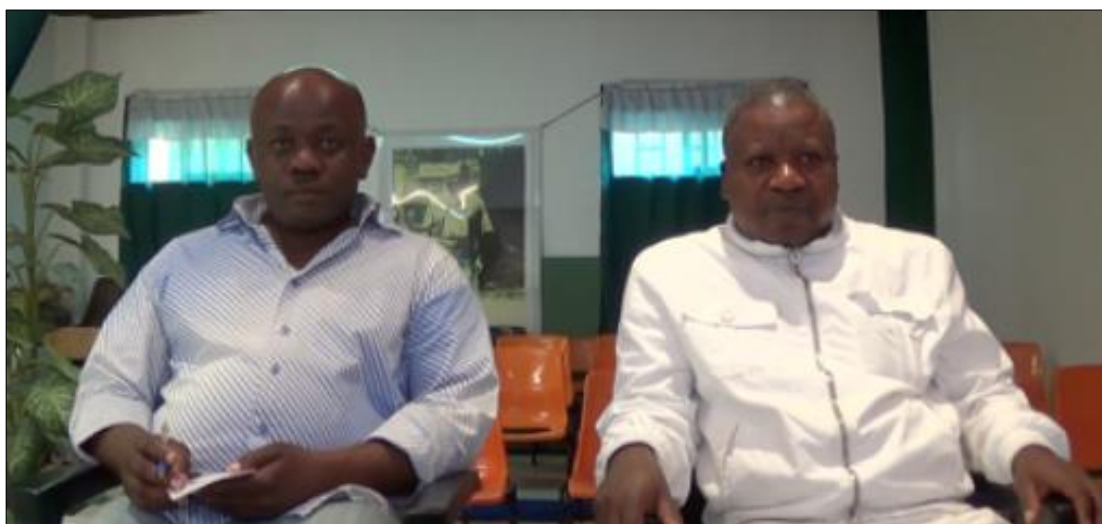
Indiscutivelmente a principal força religiosa na região é a Igreja Kimbanguista. Ela está presente em praticamente todas cidades na área kongo e em Luanda, mas principalmente entre os kongo da República Democrática do Congo, onde se configura como a principal religião não ocidental, tanto em número de adeptos como influência política e social. Em Angola também a Igreja possui importância na esfera sociopolítica.

Com as revelações do atual chefe espiritual da Igreja, o sucessor do profeta Simão Kimbangu, o seu descendente, Simão Kimbangu Kiangani, a cidade tomou um protagonismo dentro da doutrina kimbanguista “nkambista” (SARRO *et al*, 2008). Esse papel está relacionado tanto à gênese do povo kongo (isto é, da humanidade) quanto a sua função enquanto lugar da ordem social do *Kongo dia Ntotila*. Vejamos a questão da origem:

O reino do Kongo, como todos nós sabemos, é um reino muito importante, mas teremos que ver isso em uma perspectiva, digamos... do ponto de vista acadêmico ou histórico, que nos ensinaram na escola, de que o povo kongo chegou em Angola no século XIII. (...) Agora quando nós referimos ao Kimbanguismo, como sabe Kimbangu é o revelador das coisas ocultas, portanto vem nos revelar não só coisas do ponto de vista espiritual ou religioso, mas também histórico. (...) Depois de ser expulso do paraíso[Adão], foge para Angola, na altura portanto (...) Congo-Angola, e aí em Mbanza Kongo ele se instala. Gerações e gerações, aparece o Rei Nimrod, portanto o Rei Nimrod é o primeiro Rei do Mundo, e era negro. (...). Portanto quando eu faço uma análise em relação o que a história nos diz e o que Kimbangu nos revela há uma grande dicotomia. (...) Por isso que nós dizemos que na Igreja Kimbanguista, que Mbanza Kongo é a fonte das nossas línguas, (...) vieram todos de Mbanza Kongo. [Entrevista: Hermano Garcia, Igreja Kimbanguista, setembro de 2014].

O primeiro ponto a se ressaltar é a dicotomia apresentada pelo entrevistado entre a narrativa científica e a “verdadeira”. Confrontada com a narrativa histórico-científica, as lideranças retomam a ancestralidade kongo através de uma releitura da bíblia, mas também por meio das revelações do chefe espiritual, que complementam e guiam uma nova narrativa, diferente tanto da “tradicional” como da cristã.

Figura 5 – Hermano Garcia e Kalemba Constantino. Igreja Kimbanguista de Lisboa. Fotografia do Fotografia de Bruno Pastre Máximo, setembro de 2014.



Na passagem, foi em Mbanza Kongo que se passaram os eventos bíblicos relacionados com a Torre de Babel e a divisão e difusão das culturas humanas. Desta forma, a cidade de Mbanza Kongo possui, para os kimbanguistas, uma importância crucial no mundo, sendo que todas as pessoas possuem algum tipo de passado que se remete à ela, fazendo-nos, enquanto humanos, semelhantes em nosso passado comum em Mbanza Kongo.

Figura 6 – Lando Alberto. Igreja Kimbanguista. Fotografia do Bruno Pastre Máximo, agosto de 2014.



O Kulumbimbi é um lugar importante desde os primórdios dos tempos, relacionado aos eventos da torre de Babel, como melhor explica o kimbanguista José João Santos:

Aquela casa de Kulumbimbi que toda a gente diz que foi construída de noite, de fato foi construída de noite, e o único testemunho que viu aquela casa a ser levantada foi Noé o próprio Deus autorizou que Noé presenciasse a construção daquela casa. E tudo que Deus quis guardar, portanto a riqueza mundial, sobretudo a riqueza africana, está guardada naquela casa. Naquela casa kulumbimbi, não tem janela nem porta. Isto eu gostaria de comentar em termos espirituais. O que está naquela casa é algo espiritual, o próprio Deus é que sabe o que está aí. O que eu estou a revelar, são revelações que o próprio Papa Simon Kimbangu revelou através de seus filhos. [Entrevista: José João Santos, Igreja Kimbanguista, setembro de 2014].

A sacralidade do Kulumbimbi naquele momento advém de ser o lugar de guardar os tesouros – espirituais – da África. Esses tesouros são aqueles que regiam a paisagem ideativa, “(...) uma tradição completa”, nas palavras de Lando Alberto.

Para além da questão de origem, a cidade de Mbanza Kongo e principalmente o lugar Kulumbimbi se tornam centrais na criação de uma nova ordem para os africanos.

A raça oprimida irá para Mbanza Kongo para recuperar **espiritualmente** o que perdeu de tão valioso, a brava inteligência, cinco sacos de felicidade, riqueza, incluindo a Tabela de leis, os dez mandamentos de Deus Moisés. Esta é a razão da próxima viagem do líder espiritual e da comunidade Kimbanguista em Angola, e a cerimônia será realizada no local. Esta etapa abrirá o caminho para a raça negra entrar, ela também, a capacidade de inventiva de primeira ordem (MAKANANU, 2012: 5).

A ida a Mbanza Kongo do chefe espiritual Papá Simon Kimbangu Kiangani e da comunidade kimbanguista está relacionada com o início de uma nova era, na qual o sofrimento do homem negro causado pelo colonialismo será revertido, e o povo poderá novamente viver em prosperidade como no passado, através de um retorno às origens e a restauração dos erros.

Falando um dia de sua viagem ao Kulumbimbi, o líder espiritual e representante legal da E.J.C.S.K tinha dito claramente que “Esikatolelaka Mafuta são nzoyi Esika Mayele na Biso etikalaka”. Tradução: “Uma vez nós perdemos nossas mentes onde tínhamos comido o mel.” Cujo quer dizer que isso aconteceu com kulumbimbi. A partir desta perspectiva, parece que Kulumbimbi é uma passagem obrigatória e um passo decisivo no processo de reabilitação da raça negra. Kulumbimbi parece ser o ponto de partida para o surgimento da nova civilização que vai revolucionar o mundo espiritual e material (MUANA NA MOTO, 2016).

Nessa perspectiva, Kulumbimbi é um lugar de poder, de história, de um passado marcado com o início da desgraça das populações africanas (Figura 7).

Figura 7 - “Site mysterieux dou partira la lumiere qui va éclairer le monde”.
Fonte: Manakanu (2012: 1).



O lugar carrega em si essa mancha, que não permite que haja prosperidade para o povo. Podemos pensar que existe no lugar um caminho que se liberado permitirá o povo kongo (africano) a reencontrar com a sua essência, ou seja, a restauração da ordem ancestral. E a cidade, ou melhor, a paisagem ideativa de Mbanza Kongo, é ponto central nesse pensamento, sendo a intersecção entre o retorno ao passado para guiar o futuro. O lugar é assim a intersecção entre o mundo e a paisagem de Mbanza Kongo. Neste aspecto, o papel de Kimbangu como chefe espiritual é o de mediar essa relação, o lugar do Ntotila dentro da paisagem. Não é qualquer um que pode mediar essa situação, é preciso que seja alguém legítimo, reconhecido, respeitado e poderoso o suficiente para exercer tal ação, o que os membros da Igreja reconhecem na pessoa de Simão Kimbangu Kiangani, ele mesmo um ser divino por ser a encarnação do Espírito Santo.

Pastor Avelino Rafael Mvoni – Igreja dos Profetas de Jesus em Angola

Avelino Rafael Mvoni é pastor da Igreja dos Profetas de Jesus em Angola (IPJA), que é uma igreja recente, contando com algumas sedes no norte de Angola e na cidade de Luanda. Ela representa uma dentre as muitas igrejas que foram fundadas em Angola nos últimos anos. A igreja possui um forte elemento kongo e tem a tradição como um dos pilares da doutrina religiosa, compartilhando também de elementos cristãos.

Figura 8 – Pastor Avelino Rafael Movoni – Igreja Profetas de Jesus em Angola. Fotografia de Bruno Pastre Máximo, agosto de 2014.



A cidade de Mbanza Kongo é sagrada, sendo a Terra Prometida, a mesma mencionada pela Bíblia cristã. Para ele, antes da chegada dos portugueses, existia na região uma religião que unificava os diferentes povos. A cidade de Mbanza Kongo era um lugar sagrado, escolhido por Deus, na qual o povo viva bem e em paz. Falando sobre o Kulumbimbi, ele comenta:

Foi construída milagrosamente, mas ela, esta casa, foi construída de pedras, mas as pessoas (...) a missão católica está ao lado, é junto a cidade, mas não escutaram nenhuma movimentação nem barulho de partir pedras ali tá, nem a luz que os poderia iluminar, mas quando amanheceu, já apareceu esta construção. Quem construiu? Eles ficaram confusos. Mas os nossos velhos já sabiam... É um sinal da representação da religião Bantu na África! [Entrevista, Avelino Rafael Mvoni, Igreja dos Profetas de Jesus em Angola, agosto de 2014]

Nós estamos a ver esta casa histórica [apontando para as ruínas]. Muitos, muitos tentam manipular a história do Reino Bakongo, mas conforme eu disse, a água e o petróleo quando ajuntamos, eles vão se separar. A água vai no fundo e o petróleo vem em cima. Portanto, já que é a promessa de Deus, nós não podemos esconder a verdade mesmo, é pura mentira (...). Hoje é essa a verdade. Essa casa não é o colono quem construiu, não é o colono. Ele também não encontrou. Mas Deus manifestou as suas maravilhas para mostrar mesmo a potência tradicional, as promessas que existem neste povo. [Entrevista, Avelino Rafael Mvoni, Igreja dos Profetas de Jesus em Angola, agosto de 2014].

Para o Pastor, o Kulumbimbi é efetivamente e, ao mesmo tempo, as ruínas e o lugar em que elas se encontram. Tanto o lugar como a estrutura têm um significado próprio, uma sacralidade que não está vinculada ao passado colonial, com o passado cristão. As estruturas são narradas como um elemento importante da tradição kongo, um verdadeiro presente dos Deuses, são uma representação ancestral da religião africana, nomeada pelo pastor como Bantu. O Kulumbimbi é portanto um lugar sagrado pelo seu passado africano, um legado dos antepassados para mostrar a permanência da tradição.

João e Ricardo

Estivemos com estes dois homens para uma entrevista. Ricardo é um *Nganga* (Sacerdote tradicional) respeitado na cidade, e João é o seu filho. Ambos se dizem descendentes do penúltimo Ntotila (que morreu em 1955), o Antônio Gama, e se disseram membros do grupo político-religioso BDK. Ricardo inclusive têm muitas lembranças do período em que Gama estava vivo, e ele visitava o palácio. No começo da entrevista, os dois desconfiavam de nossas intenções.

Questionamos sobre o Kulumbimbi, em um primeiro momento, João respondeu:

Esse aí é o (...) cemitério dos reis. Quem tem força financeiro, força ideologia, ele vai brincar com este homem que está a mandar, que está a ver que está a mandar normalmente, ele faz força de para substituir, mata o outro, este são os cemitérios. Este é um lugar bem sagrado, é onde estes brancos[arqueólogos do governo e da UNESCO] estão a cavar, vocês que estão a cavar isso? [Bruno: Eu não! Eu não tô escavando, eu tô aqui conversando com vocês! Mas tem uns brancos que estão cavando lá...] Eles estão a confirmar que realmente que o povo foi construído no ano 3 no ano 5. [Vocês concordam em cavar lá?] É sagrado mas entendo que nós estamos a precisar de entrar na linha da UNESCO, então nos queremos ser desenvolvidos, então não há problema. (...) Nós queremos desenvolver. [Entrevista, setembro de 2014].

Nesse diálogo ele reproduziu fielmente o discurso neocolonial do governo de Angola/UNESCO (MÁXIMO, 2017b), em que a ciência, nesse caso a arqueologia, permitirá comprovar a importância do sítio e assim gerar o progresso, o desenvolvimento da cidade. Perguntamos sobre a importância do cemitério dos reis do Kongo:

Estes ai estão mesmo a ver claro! Ele [Ntotila] andava a ser enterrado com todos os artigos dele no corpo, estes artigo que nunca vai apodrecer, ouro nunca pode apodrecer. Estes [Arqueólogos] que estão a cavar estão ter isso mesmo. Quando querem ir enterrar um chefe um rei, estes que estão com ele devem partir com ele, e isto que eles estão a buscar. [Entrevista, setembro de 2014].

A resposta relaciona a importância do sítio com a importância do monarca e da regalia, ou tesouro, que é enterrada com ele. Seguindo a entrevista, eles relataram o trágico percurso do Kulumbimbi. Ela foi construída pelos Mafulamengo,

A Kulumbimbi foi construído pelos homens invisíveis, Mafulamengo, chamado Mafulamengo. Mas quando eles andava a construir ninguém andava a ver, é só na noite, você dorme, quando vai acordar já apareceu. Espiritualmente, Tata a MpunguTulendo que mandou construir, que mostra mesmo que aqui o berço da humanidade. (...) Kulumbimbi é minkisi.[Entrevista, setembro de 2014].

Ela foi construída pelos homens invisíveis, ou seja, enviados de Deus para mostrar a importância de Mbanza Kongo, chamada por ele de berço da humanidade. Era o lugar do segredo, o lugar em que a tradição era guardada, junto com os tesouros dos antepassados. Tesouro esse, também enterrados junto com os Ntotila:

Os cemitérios têm poder, o primeiro na história nossa, nós, cada chefe, cada rei, quando ele no momento para ele ser enterrado, anda-lhe faz vestir, o que que diz respeito, esses dai que diz respeito todo andava a ser feito em matéria de ráfia, das riquezas, para guardar a dignidade dele. Nessas formalidades que ele vai ser enterrado, é aí que ele vai fazer sair o espírito dele e fazer entrar mais nos pequenininhos, nos filhos e avós que ficam. Porque ele foi enterrado em dignidade numa forma que estava, o símbolo que estava com ele, no corpo dele não foi roubado

pelos avós no momento que foi morto, foi enterrado com ele. [Entrevista, setembro de 2014].

A dignidade do enterro é fundamental para a consolidação do morto como um ancestral, aquele que irá conceder suas graças para os descendentes. E aqui o tema, central para João e Ricardo, já aparece: a questão do roubo. Para eles, a tradição em Mbanza Kongo foi pilhada e continua sendo pilhada. O Kulumbimbi é o maior exemplo:

Esta casa aí é o Kulumbimbi. Antigamente era melhor, agora não tá mais bom. Agora não está mais bom, antigamente houve melhor. (...) Se você ir lá o que encontrar lá não presta mais. Isto causa das guerras... Pois que este é maravilha né? Estes foram departamento, quarto, são quartos secretos, andava a ser guardado muitas histórias, é aqui que roubaram um bué de história os colonialistas. Existe uma coisa enterrado de muito errado lá. Não está mais, roubaram tudo lá! Agostinho Neto levou. Nestes conflitos que andava a existir entre o FNLA e o MPLA, então as pessoas, as tropa tropa trataram de roubar tudo que fosse sagrado. (...) Eles roubaram todos que andava a demonstrar antigamente dos velhos, são os símbolos, que andava a demonstrar a puissance [potência] interna dos bakongo. (...) Hoje pode passar, mas cuidado, fazer o que aí? Você que não tem a inteligência dos antigos. Você vai ver mesmo que este é uma casa que não brinca. Mas roubar isto não é pouca coisa. Você que pode roubar isto deve ser um elemento que já tem magia, pois foram controlado espiritualmente dos avós. [Entrevista, setembro de 2014].

Em sua fala, a guerra civil pós-independência trouxe a miséria da tradição, o verdadeiro roubo da tradição. Queriam roubar os símbolos de poder, queriam, por fim, acabar com a essência do próprio povo. E este roubo foi feito de forma sinistra, por ladrões poderosos.

Depois que manifestamos que não fazíamos parte do grupo de pesquisas da UNESCO e que concordávamos com a importância da tradição, eles mudaram o discurso. Ao responder sobre a Kulumbimbi novamente, trocaram o “desenvolvimento” pela tradição. João deixa claro a sua visão sobre o papel da arqueologia na perpetuação do “roubo”:

Vocês estão a considerar isso de melhor a cavar o nosso avô? Portanto nós somos subalternizados. (...) Então andava a enterrar os nossos avós com a matéria de rafia, que eles estão a roubar tudo para eles irem examinar. Cada chefe que foi enterrado com a matéria de rafia, com símbolos no corpo dele excepcional. Esses símbolos foram feitos na riqueza né? (...) Mas agora entendo que esses daí que foram enterrados com os nossos avós e agora estão a vender isso, é considerado de ter uma coisa de dinheiro, de muito dinheiro. (...) [Você chegou a ir a conversar com eles?] Nós aqui não temos direito para conversar com eles (...) [Entrevista, setembro de 2014].

A cidade de Mbanza Kongo é um lugar especial, um lugar entre dois mundos, no centro de um embate entre a paisagem colonial portuguesa e uma ancestral kongo. Há mais de um século (seguramente muito mais), duas visões de mundo se apoiam, se legitimam, se sustentam, se apropriam, são transformadas, criam e recriam múltiplas narrativas sobre as paisagens de São Salvador/Mbanza Kongo em suas respectivas cosmologias.

Na perspectiva kongo, a cidade é um ponto comum entre dois mundos concêntricos. A paisagem existe em dois planos sobrepostos, o primeiro é o plano físico, que consiste em uma cidade que está decadente, aculturada, desvirtuada, pilhada e etc, e

um segundo sobreposto no plano ideativo, que há uma cidade perfeita, de liberdade, de maravilhas, de esperança, da tradição.

Durante o século XX e XXI, o status da paisagem de Mbanza Kongo foi e continua sendo um constante referencial para os grupos locais sobre como orientar a sua identidade enquanto coletivo, constituindo em um unificador pelo seu papel de origem e poder. Acreditamos que a paisagem ideativa de Mbanza Kongo constituiu e constitui um importante pilar no impulso de lutar por liberdade, ao ser um lugar de poder, ancestralidade no qual todos bakongo possuíam como referência de poder, glória e autonomia.

Essa revolta e perturbação continuam entre as populações atuais que possuem o Kulumbimbi como referência da tradição e da cultura kongo. O lugar se configura como um ponto de intersecção dessa paisagem ideativa, marcada pela glória, paz e prosperidade, o caos do cotidiano, ainda marcado de forma contundente pelo colonialismo português e pelas iniciativas do governo angolano de insistir em uma narrativa que vincula o lugar enquanto passado cristão e lusitano.

Desses depoimentos muito podemos refletir sobre o papel do kulumbimbi para a tradição kongo atualmente presente na cidade. Tais entrevistas são somente algumas realizadas, sendo que as outras se encontram disponíveis no site www.mbanzakongo.com. De forma geral, todos os entrevistados convergem com um ponto central do lugar: sua importância, poder e singularidade se devem principalmente pela sua história ancestral, não por seu papel dentro do cristianismo ou no colonialismo português. A narrativa do roubo de tesouros é presente na maioria dos entrevistados, que observam no trabalho dos arqueólogos de escavar o local mais um capítulo na triste história de pilhagem dos tesouros e conhecimento tradicional. O que seriam esses tesouros? Certamente algo com cunho espiritual, mas que contém um vínculo material com ancestralidade.

A título de exemplo, podemos pensar que, de acordo com a etnografia clássica dos povos kongo, um dos principais “tesouros”, ou elemento de coesão social e geracional, era o chamado *lukobilu bakulu* (cesto dos ancestrais) (KITEWO, 1998). O artefacto era composto, nas palavras de Wing (1959: 318), “(...) [d]o resto de todos os antigos chefes coroados, de todas as ndonas nkento, e todos os albinos do clã. Os restos consistem em cabelo, unhas e uma falange do dedo, ela representa o culto aos ancestrais”. Ou, ainda, os tesouros podem se referir aos artefactos que eram enterrados com os Ntotila. Durante o sepultamento, segundo Weeks (1914: 59):

(...) [o corpo era] enrolado com todos os uniformes e tecidos caros dado a ele pelo Rei de Portugal. Então veio os tecidos que tinham sido acumulados durante anos, estilos e padrões há muito esquecidos, introduzidos por comerciantes cinquenta e sessenta anos antes, no qual penetraram desde a costa até o longínquo interior. De toda a riqueza que ele reuniu durante um longo reinado nada foi salvo da tumba, e o custo deste funeral, exceto o brasão e o manto, e os artigos de prata que eram considerados propriedade da coroa – tudo o resto foi enterrado para enriquecer seu último proprietário na terra espiritual.

Buscamos apresentar sinteticamente algumas narrativas locais que refutam a proposta do Estado Angolano e da UNESCO, não reconhecendo importância no Kulumbimbi enquanto lugar cristão e muito menos como português. Pensamos, desse modo, que um projeto de patrimônio só contemplará aqueles que possuem um vínculo com o lugar a partir do momento em que esses grupos possam participar e ajudar a construí-lo, incorporando as múltiplas narrativas sobre o lugar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, Ilídio. 1987. Mbanza Kongo, cidade do Congo, ou São Salvador: contribuição para o conhecimento geográfico de uma aglomeração urbana africana ao sul do Equador, nos séculos XVI e XVII. *Garcia de Orta, Série Geografia.*, Lisboa, 12 (1-2),
- BATSÍKAMA, Raphael. 1999. *L'ancien royaume du Congo et les BaKongo*. Paris: Editions L'Harmattan.
- BENTLEY, Willian. H. 1900. *Pioneering on the Congo* (Vol. 1). Fleming H. Revell Company: New York.
- BINFORD, Lewis R. 1982. The archaeology of place. *Journal of anthropological archaeology*, v. 1.
- BORTOLAMI, Gabriele. 2002. *I Bakongo: società, tradizioni e cambiamento in Angola*. Tese de Doutorado. Sassari, Università degli studi di Sassari.
- BRÁSIO, Antônio. 1952. *Monumenta Missionária Africana*. Lisboa: Agência Geral do Ultramar. Vol. 1.
- CHRISTOPHER, Hillary. 2012. *Manifestations of Ideational Landscapes: Heaven, Hell and Film*. Spectrum: UNH Anthropology Department's Online Journal. Fall.
- DAPPER, Olfert. *Description de L'Afrique*. Amsterdam: W. Waesberge, Boom et Van Someren, 1686. pp. 343-344.
- DE MARET, Pierre. 2002. *Urban origins in central Africa: the case of Kongo*. In: Sinclair P. The Development of Urbanism in Africa from a Global Perspective. Uppsala: Uppsala Universiteit, Institution en för arkeologi och antik historia, Afrikans kochjäm förän de arkeologi.
- DOMINGOS, Sonia. L. 2009. *Productions céramiques de la région de Luanda et Kibaxe (Angola): contribution à l'étude de la préhistoire récente angolaise*. Tese de Doutorado. Toulouse, Université de Toulouse 2.
- DOMINGOS, Ziva. 2013. Preservação e valorização do património arqueológico angolano no contexto nacional e mundial: caso do sítio de Mbanza Kongo. *Revista Tecnologia e Ambiente*, Criciúma, v.19, n.1, p.262-275.
- FROMONT, Cecile. 2014. *The art of conversion: Christian visual culture in the Kingdom of Kongo*. Chapel Hill: UNC Press Books.
- HILTON, Anne. 1985. *The kingdom of Kongo*. Oxford: University Press, USA.
- HUTTON, Jeremy. 2009. *The Transjordan Palimpsest: The overwritten Texts of Personal Exile and Transformation in the Deutoronomic History*. Berlin: Walter de Gruyter.
- KITEWO, Marie-Angèle. 1998. *Healing rituals as an expression of religious thought among the Mpangu (of the Democratic Republic of the Congo-Kinshasa)*. Tese de Doutorado. Londres, SOAS University of London.
- KNAPP, A.Barnard. & ASHMORE, Wendy., (Eds.). 1999. *Archaeologies of landscape: contemporary perspectives*. Wiley-Blackwell.
- LAMAN, Karl. 1936. *Dictionnaire Kikongo-français avec une étude phonétique décrivant les dialectes les plus importants de langue dite Kikongo*. Bruxelles: Van Campenhout, 1936.
- MACGAFFEY, Wyatt. 2016. *Constructing a Kongo Identity: Scholarship and Mythopoesis*. *Comparative Studies in Society and History*, 58(1), 159-180.
- MAKANANU, Jean Lusikila. 2012. *Nkulumbimbi: "la Tour de Babel"*. Mpata Ntatu, nº17, 6 de abril de 2012.
- MARCUM, John. 1969. *The Angolan Revolution: The Anatomy of an Explosion (1950-1962)*, Cambridge/Mass. & Londres: MIT Press.

- MÁXIMO, Bruno Pastre. 2017a. *Um lugar entre dois mundos: paisagens de Mbanza Kongo*, 312p, Dissertação(Mestrado) – Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- MÁXIMO, Bruno Pastre. 2017b. As raízes colonialistas do projeto de patrimônio mundial de Mbanza Kongo. *Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais*, v. 23, p. 169-202.
- MAXIMO, Bruno Pastre. 2018a. A paisagem de São Salvador do Congo e o discurso colonial português frente a Conferência de Berlim (1884-1885). *Vestígios. Revista Latino-americana De Arqueologia Histórica*, v. 12, p. 5-29.
- MÁXIMO, Bruno Pastre. 2019a. Um lugar entre dois mundos: paisagem ideativa em Mbanza Kongo, Angola. In: SANTOS, Vanicléia; SYMANSKI, Luís; HOLL, Augustin. (Org.). *Arqueologia e história da cultura material na África e na diáspora africana*. 1ed.Curitiba: Brazil Publishing, v. , p. 101-130.
- MÁXIMO, Bruno Pastre. 2019b. Comentários acerca do partido político NGWIZAKO. *Revista de Fontes*, v. 5, p. 64-75.
- MENDONÇA, José. L. 2016. Mbanza Congo mais próxima do património mundial da UNESCO. *Portal de Angola*, 17 fev. 2015. Disponível em: <<https://www.portaldeangola.com/2015/02/mbanza-congo-mais-proxima-do-patrimonio-mundial-da-unesco/>>. Acesso em: 20 out. 2016.
- MUANA NA MOTO, 2016. *Acheve ou pas, le Musee de Nkamba sera inauguré*. 16 de maio de 2016. Acessado dia 20/10/16. <http://archives.kimbanguisme.net/fongoDieto/viewtopic.php?f=11&t=599&p=777>
- PEPPARD, Christiana. 2013. Troubling Waters: the Jordan River between religious imagination and environmental degradation. *Journal of Environmental Studies and Science*, junho de, vol.3.
- SARRÓ, Ramon; BLANES, Ruy; VIEGAS, Fátima. Deslaurier Christine. 2008. La guerre dans la paix. Ethnicité et angolane dans l'Église kimbanguiste de Luanda. *Politique africaine*. (N° 110).
- SILVA, Fabíola. A. 2013. Território, lugares e memória dos Asurini do Xingu. *Revista de Arqueologia*, 26 (1), 28-41.
- SWEET, James. H. 2007. *Recrutar África: cultura, parentesco e religião no mundo afro-português (1441-1770)*. Lisboa: Edições 70.
- THORNTON, John. 2000. Mbanza Kongo/São Salvador: Kongo's Holy City. In: David Anderson and Richard Rathbone (eds.) *Africa's Urban Past*. London and Portsmouth, NH 2000.
- THORNTON, John. 2001. The Origins And Early History Of The Kingdom Of Kongo, c. 1350-1550. *The International Journal of African Historical Studies*, Vol. 34, No. 1.
- THORNTON, John. K. 1983. *The Kingdom of Kongo: Civil war and transition, 1641-1718*. Madison: University of Wisconsin Press.
- THORNTON, John. K. 2004. *A África e os africanos na formação do mundo atlântico (1400-1800)*. Rio de Janeiro: Elsevier.
- TSHILUILA, Shaje. 1993. *Les mémoriaux prestigieux au Royaume Kongo* (No. 41, pp. 189-208). Université Libre de Bruxelles.
- UNESCO. *Mbanza Kongo, Vestiges of the Capital of the former Kingdom of Kongo*. Sem data. Acessado dia 19/03/19. <https://whc.unesco.org/en/list/1511>
- VERHAEGEN, Benoit. 2003. *L'ABAKO et l'indépendance du Congo belge: Dix ans de nationalisme kongo, 1950-1960*. Paris: Editions L'Harmattan.
- VOS, Jelmer. A. 2005. *The kingdom of Kongo and its borderlands, 1880-1915*. Tese de Doutorado. Londres: SOAS, University of London.
- WEEKS, John. 1914. *Among the Primitive Bakongo*. Seeley: Service and Company.

WING, Van. 1959. *Études Bakongo: sociologie, religion et magie*. Bruges: Desclée De Brouwe.